

MINISTÉRIO DA CULTURA

JAIME CORTESÃO
RAUL PROENÇA

Catálogo da Exposição Comemorativa
do Primeiro Centenário

(1884 - 1984)

BIBLIOTECA NACIONAL

Lisboa - 1985

O chamado «Grupo da Biblioteca»

Que era, em que consistia aquilo a que se chamou o *Grupo da Biblioteca*?

Já têm vindo a lume algumas breves referências a certos agrupamentos de frequentadores do gabinete do director da Biblioteca Nacional de Lisboa durante o período de 1919 a 1927, em que Jaime Cortesão dirigiu a B. N. Muita gente, talvez por comodidade de definição, por ignorância dos factos ou, ainda, por falta de demorada meditação nos mesmos, passou a reduzir aqueles agrupamentos apenas a um, intitulado desde logo o *Grupo da Biblioteca*. Carece, porém, de rectificação, ou pelo menos de esclarecimentos, tudo o que tem sido escrito acerca do assunto e tudo o que, beneficiando do prestígio de uma espécie de tradição oral não contestada, tem adquirido injustamente foros de verdade.

O próprio Jaime Cortesão, no *Prefácio a modos de memórias*, que escreveu para a quarta edição do seu drama épico *O Infante de Sagres*, diz: «Não se nos afigura excessivo relembrar também que da formação e convívio intelectuais de *A Renascença Portuguesa* saiu e perdeu na quase década de 1919 a 1927 o chamado *Grupo da Biblioteca*. (...) No meu gabinete juntava-se às vezes o escol das individualidades e das letras portuguesas de então.» Ao aludir ao testemunho de Jaime Cortesão houve somente o intuito de mostrar que ele próprio, habituado desde longa data, como, aliás, todos nós, à denominação única de *Grupo da Biblioteca*, não obstante as razões que a desaconselhavam, uma vez mais se deixou arrastar pelo hábito ou pela comodidade.

Foi sempre minha intenção, desde que em Fevereiro de 1927 fui demitido de funcionário da Biblioteca Nacional de Lisboa, após o malogro das tentativas revolucionárias constitucionalistas daquele mês, deflagradas no Porto e em Lisboa, fazer a história de determinados factos e acontecimentos que, quase sempre à margem dos próprios trabalhos da Biblioteca Nacional, nela ocorreram e se desenvolveram, especialmente no gabinete de Jaime Cortesão. Tendo servido cerca de quatro anos naquele gabinete, durante a segunda metade do período em que J. Cortesão foi director da Biblioteca Nacional, estou convencido de que me encontro nas condições indispensáveis para relatar, com toda a objectividade e com os pormenores mais reveladores e mais significativos, tudo aquilo que constituiu a acção, tão mal conhecida e, por vezes, tão alterada, do chamado *Grupo da Biblioteca* — ou, melhor, dos vários *Grupos da Biblioteca*.

Na Biblioteca Nacional, especialmente no gabinete de Jaime Cortesão, reuniam-se, na verdade, vários grupos de pessoas. Aquilo que em primeiro lugar os distinguia, juntava ou separava, era a política. Assim, ao lado do *Grupo Republicano* constituído pela gente da *Seara Nova*, largamente representada entre o funcionalismo da Biblioteca Nacional (Jaime Cortesão, Raul Proença, António Ferreira de Macedo, Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Faria de Vasconcelos e David Ferreira) havia os grupos compostos de elementos pertencentes a outras correntes políticas

Homens como Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, António Arroio, David Lopes, Francisco de Lacerda, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, Luciano Pereira da Silva, Manuel de Oliveira Ramos, Quirino de Jesus, Raul Brandão, Raul Lino, Reinaldo dos Santos, Silva Teles, Teixeira de Pascoais e Viana da Mota, entre muitos e muitos outros, se não podiam ser todos eles etiquetados de monárquicos, em menor número eram decerto os declaradamente republicanos. Todos eles frequentavam mais ou menos assiduamente a Biblioteca, onde quase sempre os levavam, além de motivos de relações pessoais com António Sérgio, Jaime Cortesão ou Raul Proença, necessidades de ordem literária ou intelectual. Pode-se mesmo afirmar que, durante anos seguidos, Afonso Lopes Vieira, Raul Brandão, Reinaldo dos Santos e Teixeira de Pascoais, estando em Lisboa, não deixavam um só dia de aparecer na Biblioteca. Outros elementos que, embora mais de longe em longe, também apareciam no gabinete de Jaime Cortesão eram os chamados *avançados*. Constituíam este grupo especialmente os dirigentes sindicalistas do pessoal do Arsenal do Exército, Clarimundo de Aguiar, João Pedro dos Santos e Júlio Luís, que algumas vezes se faziam acompanhar ou substituir por Bernardo Gonçalves Bandurra, João Coelho e Raul d'Assunção Pinto.

Miguel Correia, dinâmico chefe sindicalista do pessoal ferroviário do Sul e Sueste (cujas linhas pertenciam ao Estado, que fazia directamente a sua exploração), entrevistou-se também algumas vezes com Jaime Cortesão no seu gabinete da Biblioteca, igualmente visitado amiúde por Manuel Joaquim de Sousa, secretário-geral da Confederação Geral do Trabalho Portuguesa.

O diário *A Batalha*, órgão da C. G. T., era naquele tempo dirigido pelo operário Alexandre Vieira, que, fazendo parte do quadro tipográfico da Biblioteca Nacional, dispunha, portanto, de facilidades excepcionais para falar a Jaime Cortesão; mas aquele honrado e nobre dirigente do operariado, que fora um dos precursores do sindicalismo em Portugal, nunca abusou da sua privilegiada situação, e, quando tinha de se avistar com o director da Biblioteca, fazia-o sempre nos termos mais respeitosos e de inexcusável correcção.

Outros conhecidos elementos directivos do proletariado, como António Peixe e, mais tarde, Santos Arranha, que foi o penúltimo director de *A Batalha*, avistaram-se também algumas vezes com Jaime Cortesão no gabinete deste.

Se houvesse a pretensão de reduzir a um único os vários grupos da Biblioteca Nacional, esbarraríamos imediatamente em dificuldades quase intransponíveis. O grupo da Biblioteca mais representativo politicamente foi sempre o que era constituído pela gente da *Seara Nova*: aos seus elementos, simultaneamente funcionários da Biblioteca Nacional, juntavam-se os nomes dos restantes dirigentes da *Seara Nova*, em especial o de Luís da Câmara Reis, que era grande frequentador da Biblioteca, e os nomes de alguns outros dedicados e assíduos colaboradores da revista, como José Rodrigues Miguéis e Mário de Castro. À objecção de que tal agrupamento republicano foi sempre mais conhecido por Grupo *Seara Nova*, teríamos de responder que as mais importantes decisões e atitudes do próprio Grupo *Seara Nova* foram tomadas sempre no gabinete de Jaime Cortesão, e muitas vezes com a presença e colaboração de outros republicanos, que, embora simpatizantes da *Seara Nova*, nunca a ela pertenceram, por preferirem participar no grupo republicano da Biblioteca Nacional.

Logo se depreende, em face das indicações fornecidas anteriormente, que, por ter existido mais de um Grupo que frequentava o gabinete de Jaime Cortesão, seria indispensável descrever o que ocorreu de mais importante, tanto no gabinete de Jaime Cortesão, como nos de António Sérgio e Raul Proença, a fim de se definir a composição e a acção dos vários agrupamentos que lá se formaram.

Bastará a simples enunciação de alguns dos assuntos mais importantes tratados no gabinete do director da Biblioteca Nacional, embora muitos deles estranhos à própria Biblioteca e de determinados acontecimentos de carácter político, intelectual, social e artístico que tiveram lá a sua origem para desde logo se avaliar a complexidade da definição dos grupos. Assim: as atitudes políticas da *Seara Nova*; o movimento da «União Cívica»; o apoio dado ao maestro Francisco de Lacerda e a ruidosa «pateada» à empresa do Teatro de S. Luís; a tentativa dos «Homens Livres»; a participação da *Seara Nova* nos governos presididos por Álvaro de Castro e José Domingues dos Santos; a «Liga Propulsora da Instrução em Portugal»; a «União Intelectual Portuguesa»; o movimento de solidariedade e auxílio aos famintos russos e de Cabo Verde; os esforços para a criação de um jornal republicano de grande informação; a organização da «Semana Portuguesa contra o Fascismo»; a «Questão dos Tabacos»; a apreciação das tentativas revolucionárias de 18 de Abril e 19 de Julho de 1925 e de 2 de Fevereiro de 1926; e, já em plena Ditadura Militar, as tentativas para organizar a resistência armada ao golpe de Estado do General Gomes da Costa contra o comandante Mendes Cabeçadas; os Panfletos de Raul Proença; a im-

prensa clandestina; os primórdios da conspiração que levou às revoluções de 3 de Fevereiro de 1927 no Porto e de 7 do mesmo mês em Lisboa — foram assuntos que, tendo tido quase sempre o seu começo no gabinete de Jaime Cortesão, envolveram variadíssimas pessoas, pertencentes, muitas delas, aos diferentes grupos que frequentavam habitualmente aquele gabinete.

Centro de atracção e de convívio

Jaime Cortesão fora nomeado director da Biblioteca Nacional de Lisboa em 5 de Abril de 1919. Pela reforma dos serviços da Biblioteca, de 10 de Maio imediato, era criado o lugar de Chefe de Divisão dos Serviços Técnicos, sendo para ele nomeado, «por urgência de serviço público», em 17 do mesmo mês, Raul Proença, funcionário daquela Biblioteca desde 1911. Funcionário competentíssimo, exemplarmente zeloso e cumpridor, Raul Proença aliava aos seus profundos conhecimentos de todas as questões relacionadas com a biblioteconomia e a arquivística o mais entranhado amor à sua profissão. O cargo de Chefe dos Serviços Técnicos, que então lhe foi atribuído, constitui o justo galardão conferido a quem, em Portugal, foi certamente um dos homens que, em todos os tempos, mais estudaram e se interessaram por todos os problemas da sua complexa especialidade.

Uma feliz coincidência pusera assim nos mais elevados cargos da Biblioteca Nacional de Lisboa dois homens que, a par da sua enorme capacidade intelectual, se sentiam irmanados por laços de velha amizade e pelas mesmas aspirações de carácter moral e político a favor da total transformação de Portugal e dos Portugueses.

Pouco a pouco, e em seguimento do programa de realizações elaborado por Jaime Cortesão e Raul Proença, programa que entroncava profundamente nas necessidades da vida nacional, ao serviço da qual se desejava pôr a Biblioteca como um organismo vivo e eficiente apto a desempenhar as importantes funções que os novos conceitos da vida social, do trabalho intelectual e das exigências internacionais, decorrentes das consequências da 1.^a Grande Guerra, lhe determinavam e impunham, a Biblioteca Nacional de Lisboa foi-se tornando um centro prestigioso de atracção e de convívio intelectual. Entre as várias circunstâncias que concorreram para isso merece destaque especial a atenção de que foi alvo o problema do pessoal da própria Biblioteca.

Ainda na mesma data de 17 de Maio, e ao abrigo da recente reforma da Biblioteca, tinham sido nomeados também, entre vários outros, Álvaro Pinto para o lugar de chefe da Secretaria e Aquilino Ribeiro para o lugar de segundo bibliotecário. O primeiro, conhecido especialmente no Porto, onde fora um

dos fundadores e um dos elementos mais destacados do movimento da «Renasença Portuguesa» e da revista *Águia*, pouco tempo se conservou na Biblioteca Nacional de Lisboa, porquanto, tendo resolvido fixar-se definitivamente no Brasil, pediu a demissão do seu cargo, para o qual foi «nomeado interinamente por decreto de 14 de Maio de 1920, António Augusto Ferreira de Macedo, bacharel em Matemática». No n.º 2 do vol. I dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, referente ao segundo trimestre de 1920, diz-se a respeito desta nomeação e do nomeado:

«... tem sido a alma da Universidade Popular e é o *homem necessário* nos serviços administrativos da Biblioteca, pelo seu espírito organizador, metódico e diligente. Inteligência claríssima, de uma cultura muito vasta, Ferreira de Macedo, que é um dos poucos homens em Portugal que vive para além do círculo estreito dos interesses mesquinhos, prestou à Biblioteca Nacional um serviço incomparável acedendo ao convite do Sr. Dr. Jaime Cortesão.

Quando será possível generalizar em Portugal este processo de escolha, o único satisfatório quando os directores de serviços são dignos dos seus lugares?»

Também acerca da nomeação de Aquilino Ribeiro fora publicado no n.º 1 do vol. I dos *Anais*, correspondente ao primeiro trimestre de 1920, o seguinte comentário:

«Quanto a Aquilino Ribeiro, o romancista eminente que tem afirmado o seu valor em três ou quatro livros que marcaram bem fundo a sua individualidade, ele que é uma das mais altas esperanças da sua geração, fez-nos o sacrifício de algumas horas da sua actividade literária para se dedicar connosco à tarefa de organizar a Biblioteca Nacional. Aqueles que conhecem o seu interesse por todas as coisas do espírito e já tiveram a ocasião de avaliar a sua pujante actividade, hão-de estar convencidos de que ele está ali para trabalhar».

Mas, não podendo pensar-se na nomeação de novos funcionários efectivos — porquanto as leis então em vigor se opunham a isso terminantemente, excepto para os casos em que fosse indispensável preencher vagas ocorridas entretanto —, a Direcção da Biblioteca Nacional, se desejava assegurar-se da colaboração de algumas pessoas capazes de desempenhar com competência parte das tarefas relacionadas com a transformação dos serviços da Biblioteca, tinha apenas o recurso de as admitir como funcionários *assalariados*. Foi nesta qualidade que, mais tarde, entraram para a Biblioteca Nacional, entre outros, António Sérgio e Faria de Vasconcelos, para só referir os dois funcionários intelectualmente mais categorizados que foram admitidos naquelas condições.

Foi lenta a criação do centro de convívio da Biblioteca Nacional. Aliás, era impossível que o fenómeno se tivesse produzido de um momento para o outro. Mas para ela concorreu igualmente a presença das eminentes figuras das letras e do pensamento português já citadas, não apenas pela natureza das funções que desempenhavam na Biblioteca, como também pelas visitas das pessoas que ali as procuravam, visitas determinadas quase sempre por motivos de carácter intelectual.

Os restantes meses de 1919 — desde a posse de Jaime Cortesão, no mês de Abril, até Dezembro — e o ano de 1920 foram absorvidos pelos primeiros contactos do seu novo cargo com os funcionários e os serviços da Biblioteca, com a avaliação das suas carências e necessidades e com o meditado estudo das transformações a emprender. Todavia, é logo em Janeiro de 1920 que se publica o n.º 1 da II série, dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, acontecimento de enorme alcance na vida intelectual portuguesa.

Não eram apenas de carácter cultural os numerosos encontros que se realizavam no gabinete do director da Biblioteca Nacional de Lisboa. Também ali se efectuaram muitas reuniões políticas, algumas das quais tiveram grande importância na época da sua realização, tendo mesmo uma ou outra exercido inegável influência em acontecimentos que contribuíram posteriormente para a transformação da vida política portuguesa.

Vivia-se numa época em que os republicanos não arregimentados nos vários partidos políticos da República, sempre que pretendiam lançar um movimento destinado a levar a opinião pública nacional a interessar-se pela necessidade de reformas de grande alcance para a colectividade ou a libertar-se urgentemente do marasmo em que a sociedade portuguesa permanecia, se apressavam em ouvir o conselho ou o parecer de Jaime Cortesão, ou do próprio Grupo *Seara Nova*. A atitude que Jaime Cortesão assumira durante a Grande Guerra, trocando voluntariamente a sua cadeira de deputado por um lugar de médico nas primeiras linhas dos campos de batalha em França, e o seu histórico depoimento contido no livro *Memórias da Grande Guerra* — no qual afirmava a sua terminante decisão de abandonar toda a actividade política partidária — tinham concorrido para criar em volta do seu nome uma auréola de admiração, respeito e simpatia. Sacrificando tudo na vida ao incerto e duvidoso que a guerra lhe reservava, o seu prestígio moral e político aumentara apesar das inevitáveis más vontades a que o expunha a sua nova posição de franco atirador, apostado em não intervir nas querelas das facções organizadas ou em vias de organização.

A todos os que o procuravam, ele recebia e atendia da melhor maneira; mas guardava-se para voltar à actividade política quotidiana somente quando, depois de criadas as condições que augurassem perspectivas de êxito a uma obra política rasgadamente republicana e democrática e de nítida orientação radical — com o máximo de responsabilidade exigível e de liberdade concessível ao

poder executivo —, lhe parecesse chegado o momento de intervir de novo directamente na vida política nacional. A não ser que, entretanto, a República perigasse.

União Cívica e Homens Livres

O movimento de opinião a favor da *União Cívica* (Março de 1923), por meio do qual se apelava para a nação, no intuito de se estabelecer, de acordo com o próprio Parlamento, uma trégua temporária nas pugnas partidárias, partiu da *Seara Nova* e de algumas individualidades dos mais variados matizes políticos enquadrados com maior ou menor sinceridade dentro da fórmula republicana. As suas principais reuniões efectuaram-se no gabinete do director da Biblioteca Nacional.

Sumida a breve trecho, por inanição congénita, a tentativa da *União Cívica*, o Grupo *Seara Nova* era chamado de novo a tomar posição num assunto que se julgou transcender os limites habituais da sua Revista. Mas, desta vez, apreciavam associados republicanos e monárquicos, avançados e conservadores, que, numa congregação de esforços, levaram a efeito no Teatro S. Luís uma ruidosa manifestação de protesto contra a empresa exploradora daquela casa de espectáculos, a qual, com o propósito de sabotar a actividade artística do maestro Francisco de Lacerda, impusera aos componentes da orquestra sinfónica dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se apresentava naquele teatro, condições que lhes não permitiam tocar sob a regência de Francisco de Lacerda. A tarde daquele domingo (25 de Novembro de 1923) ficou memorável na história das pateadas em casas de espectáculos lisboetas, tendo contribuído muito para isso a categoria social, política e intelectual das pessoas expulsas do teatro pela polícia, entre as quais se contaram Afonso Lopes Vieira, António Sérgio, Câmara Reis, Jaime Cortesão, José de Figueiredo, Raul Lino, Raul Proença, Reinaldo dos Santos, além de três ou quatro dezenas de estudantes, empregados do comércio e funcionários públicos, que foram expulsos da *geral*.

Fora também na Biblioteca que se tinham efectuado as reuniões conducentes àquele protesto, precedido, tanto na véspera, como poucas horas antes da *matinée* do próprio domingo, pela larga distribuição na capital de um manifesto assinado por dezenas de personalidades eminentes nas artes, nas letras, nas ciências e na política, no qual se verberava com a maior indignação o abusivo procedimento da empresa do S. Luís. Entre Afonso Lopes Vieira e o autor destas linhas ficara assente no sábado a estratégia a adoptarmos na nossa intervenção do dia imediato. Horas depois encontrámo-nos novamente mas desta vez por mero acaso, num estabelecimento onde ambos havíamos ido comprar apitos para utilizarmos no domingo durante a nossa barulhenta, ensurdecidora

manifestação; à despedida, Afonso Lopes Vieira dirigiu-me mais uma vez, com o pedido de eu as transmitir a todos os protestantes que se destinavam à geral, palavras amáveis e cheias de interesse, daquelas que o ilustre poeta sabia proferir com tanto propriedade e tanto pitoresco nos precisos momentos em que elas se impunham.

Desta associação puramente ocasional de homens de tendências políticas tão diferentes e, por vezes, antagónicas, brotou em seguida o movimento chamado dos Homens Livres. Tal movimento teve, porém, uma vida extremamente efémera.

Pouco depois, a *Seara Nova*, liberta já de ligações e compromissos susceptíveis de desvirtuarem a missão que lhe incumbia na sociedade portuguesa, ia seguir rumos políticos que, não sendo embora precisamente aqueles que desde sempre tinham estado no pensamento dos seus dirigentes, se encontravam, todavia, na linha geral da acção que ela pretendia exercer no país. Álvaro de Castro, encarregado pelo presidente Teixeira Gomes de organizar ministério em 15 de Dezembro de 1923, dirigira convite individual a Jaime Cortesão para sobraçar uma das pastas do novo governo. Jaime Cortesão declinou o convite; mas, perante a insistência daquele chefe republicano, declarou que não podia dispor de si por pertencer a um agrupamento de carácter político, como o era a *Seara Nova*, sem prévio consentimento dos seus amigos e companheiros de grupo. Álvaro de Castro, no propósito de se garantir com a adesão da *Seara Nova*, ratificou o primeiro convite, declarando, porém, reservar no novo governo mais duas pastas destinadas a membros da *Seara Nova*, ou a individualidades por ela indicadas.

Pela primeira vez a *Seara Nova* era formalmente convidada a participar num governo. O convite de Álvaro de Castro foi objecto de longo debate, que se efectuou no gabinete do director da Biblioteca Nacional e no qual interviewaram quase todos os componentes do grupo. A vitória coube-nos por fim, aos defensores da participação, tendo ficado assente que Jaime Cortesão seria o ministro da Instrução Pública; António Sérgio (que contava com a colaboração de Mário de Azevedo Gomes e Artur Castilho, além da de outros homens especializados em questões agrícolas e agrónomicas, com os quais estabelecera e mantinha relações desde os tempos da sua revista *Pela Grei*) ocuparia a pasta da Agricultura; e, finalmente, para ministro da Guerra a *Seara Nova* não apresentava representante próprio, mas indicava o nome do major Ribeiro de Carvalho, a favor do qual declarava fazer convergir todo o seu apoio.

Quando, porém, os indigitados ministros, em companhia do major Francisco Aragão (que foi chefe do gabinete de Ribeiro de Carvalho) se encaminhavam de automóvel para casa de Álvaro de Castro, sobrevieram, em conversa, circunstâncias às quais Jaime Cortesão, desejoso de não ser ministro, se agarrou

desde logo, para ceder a sua pasta a António Sérgio, que foi substituído na da Agricultura por Mário de Azevedo Gomes, tendo este só depois (Abril de 1924) passado a fazer parte do corpo directivo da *Seara Nova*.

Mais tarde, ao constituir o governo da sua presidência, em 22 de Novembro de 1924, José Domingues dos Santos convidou para ministro da Agricultura o engenheiro Ezequiel de Campos, que, por ser um dos mais antigos colaboradores da *Seara Nova*, desejou contar também com o seu apoio: para advogar esta pretensão, veio do Porto a Lisboa João Sarmiento Pimentel, já então pertencendo ao corpo directivo da *Seara Nova*. Em reunião celebrada na Biblioteca Nacional foi decidido conceder a Ezequiel de Campos todo o apoio solicitado.

DAVID FERREIRA

In: Diário de Notícias, 25-7-1980